THE NORTH FACE

Por Mixmag Brasil **Fotos** Tarciso de Lima

CARLO DALL ANESE

Desde os 'early days', quando adorava mexer nos toca-discos do irmão, **Carlo Dall Anese** percorreu uma longa estrada até o sucesso. Das primeiras residências até uma década no Sirena - um dos beach clubs mais famosos do planeta - e os grandes shows e eventos de hoje, conheça a trajetória de um dos maiores nomes da música eletrônica do Brasil!

A MIXMAG BATEU UM bom papo com Carlo Dall Anese e, em meio a uma agenda bombada de shows, ele falou sobre tudo, do começo, dos tempos de residência no Sirena Beach Club, Fatboy Slim, produção musical, projetos como Sweetmad e Glasgo, a atual cena EDM e vida pessoal.

Conte sobre sua trajetória e início na música eletrônica.
Eu tinha 15 anos, meu pai tinha acabado de falecer, meu irmão já era DJ - isso há quase 26 anos atrás - e eu comecei a ficar fascinado por aquilo, aquela coisa de mexer nos toda-discos (na época eram os Polyvox).
Eu gostava demais disso, os olhos brilhavam. Nessa época comecei a treinar muito nos toca-discos dele, brigávamos pra caramba pois ele não gostava que eu mexesse no equipamento. Eu me lembro que ele comprou na época os MK2, os Technics, e deixou os toca-discos velhos pra mim. Foi quase uma glória e eu treinava e treinava sem parar, e no club que meu irmão trabalhava precisavam de um DJ pra tocar no natal e reveillon porque nenhum dos residentes queria fazer, e eu consegui emprego nesse club. Era para tocar no natal e reveillon e na verdade nem era um club, era uma casa de samba onde no intervalo tocavam música eletrônica - o 'som mecânico', como chamavam na época. Esse foi o meu começo, com a força de meu irmão, que se chama Cláudio e que até hoje é super orgulhoso e fica feliz com tudo isso, me dá a maior força e é meu parceiro. Ele seguiu outro caminho e hoje é professor e doutor em matemática. Foi bem legal essa época!
Como foram os tempos de residência no Sirena? Que influência essa temporada teve em sua carreira?
Na verdade foi uma temporada super longa, foram 10 anos de Sirena e isso foi crucial para chegar onde eu cheguei, sou sempre muito grato ao club pela oportunidade que tive lá. Acho tambem que tive muita serenidade para segurar a barra, pois não foi fácil. No começo ganhava muito pouco, era praticamente uma ajuda de custo e me lembro que o salário por noite não pagava um tanque de gasolina que eu gastava pra ir e voltar de Maresias. Não foi fácil mas foi um club que, acima de tudo, me permitiu testar, imprimir, impor uma tendênca musical que na época foi muito significativa. Já faz uns 15 anos isso e o Sirena realmente foi muito pioneiro nessa coisa de música eletrônica. Foi uma virada. Me lembro de quando o Marcos Campos me chamou, através do Felipe Venâncio, que me arrumou, quase que sem querer, um trabalho lá - sou sempre muito grato a ele. Foi uma proposta tipo pra parar de tocar outras coisas que tocavam na época, rockinho e afins, para tocar só música eletrônica. Foi um ponto crucial, não tenho dúvida nenhuma de que o Sirena mudou a

> "Não tenho dúvida de que o Sirena mudou a cena eletrônica brasileira."

cena eletrônica brasileira e sou muito feliz por ter sido parte disso tambem, de todo esse processo. A importância foi crucial, quando a gente produziu e fez 'Monday', o Sirena foi uma plataforma de lançamento incrível, então posso dizer que fez toda a diferença em minha carreira sim.

Na sua opinião, qual a importância da 'residência' na carreira de um DJ? Vale a pena?

Olha, eu acho que DJ residente já teve um significado diferente do que é hoje. Tive algumas residências antes do Sirena, como a Sunshine e Overnight, por um curto período de tempo, tambem em São Caetano, e não existia DJ convidado, era só DJ residente, que era o cara que chegava lá uma hora antes de abrir o club, testava o som, se necessário tambem trocava algum alto falante queimado, revisava tudo e tocava a noite inteira até o final, por isso digo que era outro significado. Era muito importante naquela época você ser residente - e lembro que tudo isso eu fiz no Sirena, tá? chegava às 10h da noite para abrir o club e saía de lá as 8h da manhã. Quando tinha DJ convidado eu ficava, ouvia os caras tocando e entrava depois, quer dizer, foi uma coisa muito importante naquela época porque rolava aquela identidade forte do club com o residente e os DJs acabavam ficando muito famosos por causa do club, como foi o caso do saudoso Ricardo Guedes, na Contramão, o Vadão na Toco, o DJ Badinha na Overnight, enfim, foram coisas muito emblemáticas. Hoje acho que perdeu um pouco o sentido, residência hoje virou mais uma coisa de convidado frequente. Perdeu aquele significado todo.

É importante ainda quando o DJ carrega essa bandeira, por exemplo o Green Valley, que é um superclub, e o Sirena tambem, o DJ carrega essa bandeira de ser residente do club. Isso ajuda ele a vender gigs fora, mas eu acho que não tem mais o mesmo significado que já teve não. Na minha opinião hoje residente não é mais o residente, ele é o convidado frequente, vamos dizer assim.

Você já trabalhou com grandes nomes da cena eletrônica nacional e internacional. Que experiências que poderia nos contar?

A melhor experiência que se tem é sempre ter reconhecimento. Aconteceram muitas coisas tipo, quando toquei com o Guetta, a gente se falou pouco, e na vez seguinte ele me falou "cara então você que é o produtor de 'Monday' e de 'Bring Me The Down', eu adoro essas músicas e toco direto, obrigado, parabéns" e me deu um grande abraço. Essa foi uma experiência incrível. Durante um bom tempo eu me especializei em warm ups para os DJs gringos, como o Fatboy Slim por exemplo. O Norman até me chamou para uma turnê onde eu abria todas as gigs, porque eu fazia um "warm up impecável", quer dizer, eu deixava a pista quente mas sem bombar. Isso eu fiz tambem com o John Digweed e foi muito legal, então, a parte mais legal é o reconhecimento.

Não me lembro de coisas ruins que eu tenha passado na minha carreira, foi tudo tão legal, tudo tão orgânico e natural. Claro que a gente encontra caras que são meio arrogantes e tal, normalmente o que acaba acontecendo é que quanto maior o DJ, quanto maior o artista, mais gente boa ele é. Eu passei por algumas experiências ruins com artistas

nacionais que se achavam, se acham grandes nomes. E você não precisa ter esse topete todo, né? Enfim, tudo foi sempre muito legal.

Sobre produção musical, como vê sua evolução desde o início até hoje?

Sobre a experiência musical, de estúdio, é algo bem interessante porque cada vez que entramos em estúdio, sabemos mais onde queremos chegar. Isso não significa que quando a gente entra já tem a música na cabeça, não é isso mas, com a experiência que acabei adquirindo nesses anos todos, é muito legal para saber o que funciona e o que não funciona. Então passamos a direcionar tudo muito melhor e o trabalho acaba ficando mais suave e orgânico. Ficou muito mais simples produzir. Antigamente era necessário entrar num estúdio, hoje dá pra produzir sentado na cama da minha casa, os softwares estão muito avançados e ficou mais simples começar a produzir.

Com que frequência produz? Produz muito?

Tenho feito muita coisa, muito experimental, muita coisa que a gente não lança porque a partir do momento em que se disponibiliza algo, aquilo fica lá pra sempre, então não dá pra brincar de colocar coisa ruim no mercado. Estou sempre produzindo, tem temporada que é mais intensa e passo tres ou quatro dias em estúdio direto, tem temporada que rola um hiato de até quinze dias sem mexer. Mas não é que a gente pára de produzir, estamos sempre produzindo, é que quando não estamos construindo o tijolinho, com a mão na massa, estamos arquitetando coisas. É um processo meio non-stop.

Produzir é lucrativo para você?

Não. Produzir em sí não é uma coisa que gera lucro mas ao mesmo tempo é imprescindível e absolutamente indispensável. Não se ganha mais dinheiro com vendagem de disco, claro, a não ser que você seja um big big name e venda centenas de milhares de cópias de downloads legalizados, isso é outra situação. Mas produzir em si não é uma coisa lucrativa. O ECAD, eu acredito, até que faz um trabalho legal porque realmente há distribuição de lucro. Eu recebo mensalmente pouco, mas recebo sobre as músicas e é importante saber que de alguma maneira essa máquina funciona, mas ao mesmo tempo se você não produz, não é conhecido e não tem gigs. Então você precisa produzir para ter gigs, para seu nome ficar em evidência. A essência da produção em si não é lucrativa mas é imprescindível para que você mantenha uma carreira, por isso tem que produzir.

Você mora fora de São Paulo. Como equilibra as gigs, bookings e vida pessoal?

Já tem alguns anos que eu escolhi uma vida mais tranquila, porque a correria é grande. Eu moro em Campos do Jordão, que é uma cidade super pacata de vinte mil habitantes e não tem nenhum semáfaro, por incrível que pareça. É engraçado falar isso mas não tem mesmo. Moro numa casa bem afastada no meio do mato pois o contato com a natureza é uma coisa que preciso ter, e minha família se deu super bem com isso, minha mulher e filhos. Eu consigo conciliar, temos uma limo-van que me leva com todo o conforto para todo lugar, aeroportos, gigs que a gente vai de carro. Consigo equilibrar bem, e as vezes uma vez a cada 10 dias, ou uma vez por semana vou a São Paulo para reuniões, meus meetings, e hoje em dia a vida está tão informatizada, tudo tão interligado que, para você ter uma idéia, tem amigos e pessoas que levaram anos para descobrir que eu não morava mais em São Paulo. Quer dizer, especialmente no meu trabalho, onde não tenho que bater um ponto numa unidade física, acho que não faz a menor diferença se estou longe ou fora de um grande centro. Pelo contrário, isso me traz uma qualidade de vida muito grande.

E sobre os projetos? O que anda fazendo?

Eu estou engajado em muitos projetos de escrita, percebi que é algo que gosto de fazer, espero que isso tenha alguma funcionalidade ou seja útil para alguém no futuro. Acho que dá pra ajudar e compartilhar com muita gente. Ainda estou no projeto sério de tocar bastante e produzir bastante, ainda é o que gosto de fazer. Mesmo depois de duas décadas é algo em que estou bem engajado.

Algum projeto especial para 2015/2016 que possa compartilhar agora?

Eu tenho procurado, na minha vida pessoal, ter uma vida cada vez mais tranquila, menos corrida. Esse mercado é muito competitivo, muito maluco, então temos que ter uma autodisciplina grande para se manter. As coisas estão muito dinâmicas e para conseguir

"O artista popular holandês é o Armin, o belga famoso que sai na TV é Dimitri Vegas & Like Mike. No Brasil..."

acompanhar tem que ter realmente muito equilíbrio, por isso meu plano é manter esse equilíbrio e ter muito mais equilíbrio ainda.

Dizem por aí que aconteceram atritos no projeto Sweetmad. O que houve afinal?

É um assunto que não tenho o menor problema em falar. O Fábio Castro, que foi meu grande parceiro na época, é um cara que eu tenho um respeito muito grande, um produtor super talentoso e que tem uma voz realmente diferenciada e muito legal, um cara com quem tenho um carinho muito grande. Sinto que é uma pena que a gente tenha se afastado, que não esteja mais tão junto. Mas o que houve afinal é que acho que a gente foi muito audacioso em nosso projeto. A coisa virou demais, funcionou legal porque eu ajudava muito o Fábio na parte de DJ e ele me ajudava na parte 'rock n roll' mas acho que a coisa acabou extrapolando um pouco, e eu fiquei rock n roll um pouco além do que eu queria, e o Fábio ficou DJ um pouco alem do que ele queria. E acabou que não houve atrito, foi um fim natural e orgânico, um ciclo que se fechou, algo bem tranquilo. Mas acho que a gente cometeu alguns, não digo erros, mas fomos audaciosos demais colocando uma banda, com bateria, coisas acústicas dentro de um club, uma casa noturna. Foi uma coisa que deu muito resultado mas ao mesmo tempo acho que a cena não estava preparada para aquilo, e nem a gente estava. Apesar de termos feito muitos shows, muitos ótimos shows, acho que foi mais ou menos isso: o Sweetmad acabou ficando DJ demais para o Fábio e rock demais para o Carlo.

E o (projeto) Glasgo, continua?

O Glasgo não é como um projeto que eu estou nele, e não estou em outro. O Glasgo é Carlo, Diego Logic e Guilherme Kikuchi, juntos. Então quando a gente produz junto, é Glasgo, quando o Diego produz sozinho é Diego, quando o Carlo produz sozinho é Carlo, e quando produz com o Diego é Carlo e Diego, quer dizer, continua, enquanto existir sinergia para produzir juntos a gente produz, senão a gente vai fazendo as coisas separado. Mas enfim, a amizade é a mesma e o Glasgo pode continuar sim. O Glasgo na verdade é como se fosse o nome do Carlo, do Gui e do Diego juntos.

O que acha dos caminhos que a cena eletrônica anda trilhando no Brasil? Como você vê a EDM?

Sinceramente eu esperava um pouquinho mais da cena eletrônica nacional, não no sentido de que ela não está grande o suficiente mas na verdade acho que ela foi muito achatada pelo mainstream. Quando digo mainstream não é o mainstream da música comercial, é uma coisa assim, ela está disputando muito com o sertanejo, com o funk, o hip hop, etc. Eu acho que no Brasil, pela cultura musical que tem, a música eletrônica acaba ficando muito secundária. Quer dizer, a Claudia Leite da Holanda é o

Armin, entendeu? O artista popular holandês é o Armin, o artista belga famoso da música que sai na TV é Dimitri Vegas & Like Mike. No Brasil não, a música eletrônica acaba ficando uma coisa muito secundária e realmente, não sei se é a qualidade das músicas que nós, produtores brasileiros, estamos fazendo, mas apesar de ter muita coisa boa rolando de produtores brasileiros na cena internacional, ainda é muito pouco. Um país tão grande e dá pra gente falar em cinco ou dez big players, que são artistas nacionais que tem músicas tocando fora e isso é muito pouco. Acho que deveria ser maior, não sei por qual motivo, mas poderia ser maior. Sobre a EDM, é um segmento, um estilo, algo que está bombando agora, é o nome que colocaram para esse estilo musical de agora, eu toco algumas coisas, tem muita coisa legal e muitas ruins. Ela tem um pouco de tudo, tem o 'electrão' para a molecada, tem o 'trancezão melódico', tem aquela coisa pra bombar a pista, e é um estilo legal sim, mas logo surge outra coisa. Não que o EDM vai ser ultrapassado mas ele vai evoluir, e é assim que tem que ser.

Você tambem está por trás da agência B-Side, que representa um bom casting de DJs. Como é esse lado empresário e quais os planos para a agência?

Eu já fui mais envolvido na B-Side, não ando tão envolvido ultimamente porque tenho que confessar que os DJs brasileiros ainda estão muito cegos em relação a questão do management. É uma coisa ridícula que acontece com agência de DJ, que dá até vergonha de falar, mas acho que os caras deveriam ter mais vergonha ainda de fazer isso, mas é assim: agência só ganha quando o DJ fatura, ela trabalha de graça para o DJ o mês inteiro. Quando o DJ toca, a agência ganha 20%, que é uma coisa ridícula, um valor realmente pequeno que mal dá para pagar os custos fiscais de tudo, isso é uma realidade do Brasil, é preciso pagar os impostos, é necessário. Tem DJ que esconde gigs da agência só para não pagar os 20% e isso é patético. Se a gente for ver que os DJs gringos, não é que eles pagam uma comissão, mas 50% ou mais do que eles ganham não vai para uma pessoa mas vai para um fundo que possa desenvolver a própria carreira dele. O DJ (aqui) não, ele ganhou R$2000 e ele acha um absurdo ter que pagar R$400, que é 20% disso, quer enfiar isso no bolso e acabou. Não reinveste num anúncio, não investe isso numa gig, não faz nada, e isso é muito frustrante pois aí a gente não consegue fazer o management, que é a coisa mais importante. 20% é só o booking. E o management, onde é que fica? Então eu tenho trabalhado com alguns DJs onde recebo paralelo à isso um valor como se fosse um cachê, um salário, que é para o managemente mesmo, algo muito diferente do valor do booking da agência. Quem quiser me contratar como management, estou a disposição. Mas os DJs realmente precisam mudar essa mentalidade, claro que não são todos. Fico feliz de ver que alguns artistas da cena eletrônica nacional agora estão começando a ter essa consciência mas ainda é algo que tem muito para mudar.

O que anda ouvindo ultimamente?

Eu escuto muita música eletrônica, essencialmente. Tenho escutado muito dubstep, uns trips-hops e umas coisas muito malucas. É a tecnologia, tem uns caras que estão fazendo umas coisas incríveis, e isso é o que tem me fascinado embora seja bem distante do que eu tenho tocado, mas é a evolução da tecnologia na música eletrônica - eu acho que foi o Skrillex que abriu essa porta e chutou esse balde, abrindo uma caixa de pandora, meio que dizendo "olha, dá pra fazer um monte de coisas aí, vamos se virar". Então tem uma geração de caras por aí fazendo sons extremamente avançados, com muita tecnologia, que realmente é legal demais, misturando video, auto mapping, e tem coisas que a gente vê na internet que impressionam muito. Eu escuto muito rock, curto rock clássicos tambem, mas costumo falar que nós como DJs temos obrigação de tocar de tudo. Tocar o que a gente toca é uma opção mas ouvir a gente tem como obrigação. Eu escuto de tudo mesmo, desde o 'sertanejão' - tem coisas ótimas e outras que dá até dor de ouvido - estudo o funk, estudo o axé, tudo, dentro ou fora de moda eu escuto mesmo pra saber qual é, o impacto que isso causa nas pessoas, e porque as pessoas escutam isso.

Para quais artistas da cena nacional você tiraria 'o chapéu'? E para quais não?

Essa é uma questão muito difícil de responder porque tem tanta gente talentosa e tanta gente ruim, que fica até complicado a gente incluir ou deixar de incluir alguem. Falar bem eu posso falar nomes, falar mal não posso, não é minha política de trabalho. Mas entre os caras que andam fazendo um trabalho legal, o Gui Boratto é um mestre, é um cara que não se corrompeu nunca, de maneira alguma e é 100% fiel ao som que ele faz, criou uma sonoridade nova. Não existem dúvidas de que ele criou um estilo de música que é Gui Boratto style. É um cara low profile, super talentoso, conheço ele muito, pessoalmente. É um cara que considero bem legal, até amigo, sei lá, até certo ponto. Ele é realmente um mestre da coisa. Outro cara que tá me chamando a atenção é o Alok, que vem fazendo um puta trabalho. Ele tem um pacote muito legal, é o cara jovem, bonitão, que toca um som diferente que a galera curte, mas ao mesmo tempo não viaja tanto na maionese. Ele é filho do Swarup, um cara com quem eu já toquei algumas vezes. Um cara que tem uma bagagem musical, que fala legal com essa geração nova, tem um pacote completo que a turma nova tá precisando. E ao contrário de pessoas que ficam putas por surgirem caras novos, eu fico é extremamente feliz, e mais feliz ainda de poder dizer que ouví coisas desses caras, que toco músicas deles, como Gui Boratto e o Alok, que produzem um puta som legal. Independente de ser uma produção muito avançada, simplista ou não, geralmente são diferentes e bem legais.

Que conselho você daria para produtores e DJs novatos que estão apenas começando?

Acho que o grande pulo do gato é conhecer todo tipo de música. A segmentação é uma coisa que se pode fazer nos sets, mas se não tiver bagagem, não tem condições de seguir adiante. Ele fica limitado e burro, é aquela coisa, tudo anda tão misturado, mas o underground critica o mainstream, e o mainstream critica o underground principalmente porque um não escutou as músicas do outro. Isso é algo muito importante, emblemático. Precisa ficar em contato com a música tanto nos gigs e nos eventos, como ouvindo música. Eu costumo dar o exemplo do surfista, o cara para aprender a surfar tem que estar no mar, quando tem onda boa, quando tem onda ruim, quando o mar tá flat, para melhorar a remada, ou não! Ele tem que estar no mar e surfando, assim ele vai sempre aprendendo as nuances da coisa.
O novato tem que ficar ouvindo música boa, ruim, seja eletrônica ou não, ele tem que ir nas festas, nos eventos, nos bons e nos ruins. Não adianta ele só ir na XXXperience e no Dream Valley uma vez por ano e achar que quer aquilo para ele. A realidade não é só isso, os grandes festivais são poucos e disputados a bofetadas, por isso todo mundo tem que estar em todas as gigs e ver como a coisa funciona de verdade. ⊙

Twitter.com/carlodallanese
Facebook.com/carlodallanesedj
Soundcloud.com/carlodallanese